





Psicologia dialógica: Inovações a partir da noção Bakhtiniana da Exotopia

Dialogical psychology: Innovations from the Bakhtian notion of exotopia

Ramon Gomes

 <https://orcid.org/0000-0002-3155-8731>


Maria Virgínia Machado Dazzani

 <https://orcid.org/0000-0001-5303-3576>

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Giuseppina Marsico

 <https://orcid.org/0000-0002-8683-2814>

Universidade de Salerno

Itália

Resumo

O objetivo deste artigo é propor uma relação teórica entre o conceito da exotopia bakhtiniana e as posições de Eu. A Teoria do *self* dialógico concebe a mente como uma multiplicidade dinâmica de posições de Eu relativamente autônomas fundamentada, especialmente, na filosofia dialógica de Michael Bakhtin e na teoria do *self* de William James. Cada posição de Eu, na minissociedade da mente, tem a capacidade de “ver além” do que qualquer outra poderia, pois, no tempo-espaço, cada posição de Eu pode ocupar um lugar que é único. A exotopia pressupõe a extralocalização dessas posições de Eu, umas diante das outras, o que estabelece a viabilidade das interações dialógicas. É essa exotopia que conduz à nossa possibilidade de responder a uma outra voz interna ou externa. Essa condição espacial caracteriza toda relação intra ou heterodialógica, assim como a possibilidade de aparecimento de novidade de significados no *self*. Um caso empírico de um adolescente é apresentado para ilustrar o nascimento de nova posição de Eu no processo de escolarização a partir do aumento da exotopia no *self*.

Palavras-chaves: psicologia dialógica; exotopia, Bakhtin

Abstract

This article aims at proposing a theoretical relation between Bakhtin’s notion of exotopy and I-positions. The Theory of the Dialogical Self conceives the mind as a dynamic multiplicity of relatively autonomous positions of the self. It is rooted in Michael Bakhtin’s dialogical philosophy and William James’s theory of the self. Each position of the self, in the mini-society of the mind, has the property of “seeing beyond” of what any other can do. This is because, in time-space, each position of the self can occupy a place that is absolutely unique. Exotopia presupposes the extralocation of these positions of the self, which establishes the viability of dialogical interactions. In this vein, we can promote the construction of meanings. The exotopy leads our ability to respond to another internal or external voice. This spatial condition characterizes every intra or heterodialogical relationship, as well as the possibility of the appearance of novelty of meanings in the self. An empirical case of an adolescent is presented to illustrate the emergence of a new position of the self in the schooling process from the increase in exotopy in the self.



Keywords: dialogical psychology; exotopy, Bakhtin

Psicologia dialógica e os fundamentos Bakhtinianos

Nossos pensamentos, muitas vezes, desdobram-se por meio de narrativas. Construímos-las rapidamente ou nos demoramos em especificar fatos, ambientes, argumentos, relações de causa e efeito, ideias; todos entrelaçados em juízos de valores, que decidem sobre o que é certo, errado, vantajoso, prejudicial, feio, bonito e assim por diante. Nossas mentes podem exibir opiniões, interpretações e julgamentos, por vezes, diferentes sobre um mesmo fato nas diversidades que ocorrem no tempo e no espaço.

Nas últimas décadas, narratividade, corpo e interação se apresentam como as novas temáticas da teorização psicológica, delineando uma problemática nova, que retoma a discussão do *self* no contexto da comunicação. De uma perspectiva ontológica, o *self* se torna um processo de interação comunicativa entre consciência e corpo. De uma perspectiva epistemológica, conhecer o *self* é compreender as relações entre a consciência e suas formas de expressão no mundo (Souza & Gomes, 2009)

O *self* pode ser concebido como uma imagem pessoal singular, dependente da alteridade, e construída a partir das transações semióticas enquadradas culturalmente, dentro de práticas comunicativas concretas em contextos socioinstitucionais específicos; diz respeito a um senso prático-reflexivo de si próprio (Oliveira, 2013). Além disso, o *self* é culturalmente guiado e pessoalmente legitimado. Considerando que a cultura fornece recursos semióticos para modelar a experiência e expressão do “*self*”, este é o termo comumente utilizado para indicar a unicidade de nossa experiência psicológica e nossa função enquanto agentes no mundo (Marisco et al., 2020).

Um signo, de acordo com Peirce (1931-1958/1977) é “aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (p. 46). E, nesse sentido, “para que algo possa ser um signo, esse algo deve ‘representar’, como costumamos dizer, alguma coisa, chamada seu objeto” (p. 47). Por exemplo, suponhamos que dois amigos estão numa praça e olham para o céu; o primeiro diz que está vendo um avião muito ao longe, já o segundo diz que está vendo um disco voador. Nesse caso, embora o objeto concreto seja desconhecido por nós, ambos os amigos utilizaram signos diferentes para representá-lo, o que, por sua vez, define para cada um, necessariamente, a distinção do uso pessoal do signo, bem como do seu objeto referente.

Signos são fabricados por mentes e mentes operam através de signos. Por isso, signos são instrumentos cultivados para nossa relação com nós mesmos, mediante a ligação com os objetos no ambiente externo. Um brinquedo pode remeter



à imagem de um ente querido; um cheiro à podridão; um som de ambulância a uma emergência; uma palavra provinda de alguém à sensação de conforto ou hostilidade e assim por diante. O que estava fora (objeto), por meio dos signos, passa a fazer parte de nossas mentes provocando reverberações subjetivas únicas (Valsiner, 2012).

Neste artigo, enfatizaremos a característica narrativa do *self*, nos termos de Hermans et al. (1992), ou seja, do *self* como narrador dialógico. Para isso, elucidaremos as definições mais importantes do *Self* Dialógico, bem como delinearemos as reflexões epistemológicas da teoria bakhtiniana, notadamente acerca da noção da exotopia e sua relação com a espacialidade para uma melhor compreensão da multivocalidade e da autonomia de vozes no campo do *self*. O objetivo é propor uma relação do conceito bakhtiniano da exotopia com a Psicologia Dialógica, por meio da Teoria do *Self* Dialógico.

Este último é definido por Hermans et al. (1992) como: 1) espacialmente organizado e incorporado e 2) social, considerando o outro como internalizado em nossas mentes, ao resultar numa multiplicidade de *sel/ves* interagentes dialogicamente [*tradução nossa*].

A teoria do *self* dialógico e o tempo-espço das posições de eu

A Teoria do *Self* Dialógico é uma das perspectivas das últimas décadas que reconsiderou a noção tradicional de *self*, ao atribuí-lo características eminentemente multivocais e dinâmicas. A publicação do estudo de Hermans et al. (1992) e, mais tarde, desenvolvida e aprofundada por Hemans, trouxe contribuições significativas para a configuração de uma nova teorização do *self* epistemologicamente comprometida com a descontinuidade da vida no tempo-espço. Nessa concepção dialógica, o *self* se manifesta, privilegiadamente, por meio de Posições de Eu, que despontam como personagens ou vozes nas mentes das pessoas. Se uma menina diz, por exemplo, “amo minha mãe e gosto de tê-la perto de mim quando estou em casa (voz 1), mas tenho vergonha que ela me acompanhe até a escola (voz 2)”; nesse pequeníssimo trecho narrativo, não temos um *self* unívoco. Ao contrário, duas posições de Eu divergentes aparecem: Eu-filha-amante-da-mãe e Eu-filha-envergonhada-da-mãe. Enquanto a primeira almeja proximidade, a segunda rejeita a companhia materna em tempo-espço distintos.

O *self* dialógico é uma entidade teórica (*self*) que se organiza (existe), por meio de um processo de relações dialógicas entre seus componentes. De acordo com uma concepção dialógica do *self* (*eu*), a pessoa funciona através de dois processos dialógicos: heterodiálogo (com outros, incluindo outros imaginários) e autodiálogo (dentro do próprio *self*) (Valsiner, 2012).

Nessa perspectiva, o *self* dialógico foi concebido como uma multiplicidade



dinâmica de posições de Eu relativamente autônomas. Assim, o “eu” tem a possibilidade de passar de uma posição espacial para outra, de acordo com mudanças na situação e no tempo. O “eu” flutua entre posições diferentes e eventualmente opostas e tem a capacidade imaginativa de dotar cada posição com uma voz para que as relações dialógicas entre posições possam ser estabelecidas (Hermans et al., 1992).

Enquanto William James reconheceu não apenas a unidade, mas também a multiplicidade do *self*, Bakhtin, por outro lado, como teórico literário, elaborou uma teoria sobre a multiplicidade de personagens no romance polifônico, introduzindo a noção de multivocalidade. Além disso, embora James reconhecesse a natureza social intrínseca do *self* em termos de personagens concorrentes, Bakhtin elaborou mais extensivamente uma hipótese a respeito das vozes das personagens e seus diálogos em relacionamentos mútuos (Hermans, 2001).

A dinâmica do *self* envolve, pois, uma instância pessoal, única e de algum modo estruturada em seus fenômenos expressos. O papel do *self* implica no agenciamento diante da necessidade de respostas/posições/signos a situações específicas e na noção da variabilidade na construção “do outro”, em diferentes níveis de abstração e generalização. Os significados podem se expandir desde “o ego nuclear”, até incluir outros (“você”, “nós”), chegando ao caso do infinito semiótico (“Eu enquanto todos nós”). Esse “outro” pode ser preenchido por uma pessoa real ou pode acarretar a construção de “outros sociais” reais ou imaginários, “outros sociais” no domínio intrapsicológico de alguém ou levar à criação de “vozes” dos “outros” no próprio *self* dialógico (Valsiner, 2012).

Em contraste à noção de um *self* individual, o *self* dialógico é baseado na suposição de que existem muitas posições de Eu (*I-positions*) que podem ser ocupadas pela mesma pessoa. O Eu, numa posição, pode concordar, discordar, compreender, opor-se, contradizer, questionar, desafiar e mesmo ridicularizar um Eu que está em outra posição (Hermans, 2001).

A ocorrência de assimetrias de poder ocorrem não somente nas relações interativas concretas entre pessoas, mas também nos diálogos mantidos pelas diversas posições ou vozes dentro do próprio *self*. O poder caracteriza as relações dialógicas entre as posições de Eu, o que permite a alternância dialógica de posições. Num momento, determinada voz pode prevalecer, noutro, outra voz prevalece (Hermans, 1996).

As várias posições de Eu criam um campo de tensão dialógica no qual podem cooperar num processo de coconstrução de significado, sendo que algumas podem tornar-se mais dominantes do que outras e, conseqüentemente, as vozes das posições menos dominantes podem ser temporariamente silenciadas, expressando um movimento numa direção monológica (Hermans, 2003). Se, por exemplo, uma pessoa tem um Eu-superior-aos-outros como dominante em seu *self* tenderá a in-



terpretar e se aliar a outros vozes que corroborem essa perspectiva de si nas suas relações intra e heterodialógicas.

O que está no cerne da criação de posições de Eu no espaço dialógico é a necessidade que cada Posição tem de responder a outros sociais, internalizados ou externos, de acordo com a composição narrativa na qual se posiciona esses outros. Cada posição de Eu é uma espécie de síntese em forma de voz oriunda de um produto relacional intra ou heterodialógico.

Relação exotópica dentro do self

A partir da investigação epistemológica baseada em leituras de Mikhail Bakhtin e seu Círculo (colegas pesquisadores), considerados um dos mais importantes fundamentos para a criação da Teoria do *Self* Dialógico, notamos que no ensaio intitulado *O autor e o herói na atividade estética*, dentro de *A estética da criação verbal*, Bakhtin (1997) explora o processo de elaboração estética do autor diante de sua criação – a personagem, o herói, e discute em certos momentos, a noção de exotopia.

A dimensão espacial da exotopia

A dimensão espacial da exotopia é seu aspecto mais fundamental. Na concepção bakhtiniana da obra *O autor e o herói na atividade estética*, a princípio interessada na produção estética literária, havia a constatação de que um autor só é capaz de construir uma personagem na medida em que possa se colocar numa posição de exterioridade em relação à última. Para tanto, o autor-real precisaria se colocar numa outra posição – autor contemplador –, a fim de suscitar sua disponibilidade artística criadora. Somente de uma posição externa (autor-contemplador), o autor-real se colocaria numa condição de “olhar” para a personagem de um ponto de vista de exterioridade que implica, necessariamente, um excedente de visão (Gomes, 2018).

No que tange à exotopia, Bakhtin elucida a dimensão espacial dos processos exotópicos:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar — a cabeça, o rosto, a expressão do rosto —, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos



diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos (Bakhtin, 1920-1923/1990, p. 22-23).

Diante do outro, estamos fora dele. Não podemos viver a sua vida. Da mesma forma que ele não pode viver a nossa vida. Mesmo para compreender o outro, nos dirigimos até ele, mas retornamos ao nosso lugar. Através do nosso lugar, único, singular, ocupado apenas por nós, é que podemos compreender o outro e estabelecer com ele uma "inter-ação" (Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso [GEGE], 2009). Esse processo dialógico autoriza a vivência da empatia das relações humanas e a produção de novos significados/signos nos *selves*.

Como é possível notar, a dimensão espacial exotópica – a posição de exterioridade – disponibiliza a quem a ocupa e exerce tal posição uma visão a mais acerca do outro: se A observa B, podemos afirmar que A possui um excedente de visão dos aspectos físicos de B; em contrapartida, se B observa A, do mesmo modo, B, por sua vez, terá uma visão excedente de A. Na interação entre A e B, ambas as partes têm a capacidade de "ver além" do que cada uma poderia ver de si mesma sozinha (Gomes, 2018).

Com isso, salienta-se a função da dimensão psicológica da exotopia, como uma metáfora referente à Teoria do *Self* Dialógico. Reconsiderando o fato de que cada Posição de Eu precisa de, pelo menos, um "outro" (pai, mãe, amigo, professor, pastor etc) para fazer referência, essa condição essencial estabelece relação significativa com a exotopia.

A exotopia pressupõe uma extralocalização que estabelece nosso compromisso ético nesse processo. Se um outro vivesse nossa vida, se pudesse ver o mundo como apenas nós o vemos, se tivesse os mesmos pontos de vista que nós, então nós não precisaríamos pensar e expressar o nosso olhar único e singular sobre as coisas e a vida. A exotopia possibilita nossa resposta e agência, enquanto sujeitos. Além disso, ela promove o lugar da responsabilidade da pessoa como agente epistêmico. Ser responsivo e responsável são estados decorrentes de nossa extralocalização em relação ao outro (GEGE, 2009). Nessa perspectiva, é elucidativo o exemplo levantado por Bakhtin (1920-1923/1990):

[O homem] que sofre não experimenta a plenitude de sua própria expressão externa em ser; ele apenas experimenta essa expressão parcialmente, e depois na linguagem de suas sensações internas de si mesmo. Ele não vê a tensão agonizante de seus próprios músculos, não vê a postura inteira, plasticamente consumada de seu próprio corpo, nem a expressão de sofrimento em seu próprio rosto. Ele não vê o céu azul claro no fundo do qual sua imagem exterior sofredora é delineada para mim. E mesmo que ele pudesse ver todas essas características – se, por exemplo, ele estivesse na frente de um espelho – ele não teria a abordagem emocional e volitiva apropriada para essas características. Ou seja, essas características não ocupariam o mesmo lugar em sua própria consciência do mesmo modo que chegam para o seu contemplador (Bakhtin, 1920-1923/1990, p.



25, tradução nossa).

Para Bakhtin, nas relações sociais concretas da vida, acabamos exercendo essa habilidade de “ver além” do que o outro pode ver por si só. Da mesma forma, o *self* como uma minissociedade da mente dispõe de um sistema de posições de Eu autônomas e plurais que podem exercer a mesma característica e habilidade. Por exemplo, um estudante que possui a posição de Eu dominante “eu-estudante-bom” poderá, numa situação e tempo específicos no *self*, ver além e emitir sua voz diante de outra posição que o mesmo também possui, o “eu-estudante-inseguro”, o que poderia aparecer numa narrativa pessoal como: “Eu estou incerto sobre como poderei ser avaliado no seminário amanhã, mas como sempre tenho obtido bom desempenho, vou acreditar que amanhã também conseguirei êxito.” Como se pode notar, o “eu-estudante-bom”, que tem dominância em seu *self*, expressa sua voz responsiva e exotópica em relação à sua outra posição, “eu-estudante-inseguro”, enxergando e produzindo um horizonte narrativo oposto ao desta última: a exotopia, por sua vez, mobiliza o diálogo entre posições de Eu.

A dimensão psicológica da exotopia

A relação entre autor e herói é uma relação entre um e outro eu, uma relação de alteridade, fundada na dialogia, em uma relação de responsividade (GEGE, 2009). A premência da interação eu-outro na concepção bakhtiniana da exotopia aponta para a possibilidade de uso da perspectiva metafórica desse conceito exotópico com o funcionamento dialógico do *self*.

A responsividade é considerada característica constitutiva dos processos de comunicação, por meio da cultura (Gomes et al., 2018). Responsividade é, pois, um conceito derivado da perspectiva teórica de Bakhtin e seu Círculo. De acordo com a perspectiva bakhtiniana sobre a comunicação:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...]; toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor (Bakhtin, 1997, p. 290).

Conforme Menegassi (2009), assume-se como uma prerrogativa o fato de que uma vez que a palavra seja dirigida a um outro, esperar-se-á, sempre, uma atitude e uma resposta. Segundo Valsiner (2012), o *self* dialógico é definido por sua característica social, ou seja, pelo intercâmbio intersubjetivo, que é elucidado por Hermans (2001), como “social”, não no sentido de que um indivíduo autônomo ou independente entra em interações sociais com outras pessoas externas, mas no sentido de que outras pessoas ocupam posições num *self* multivocalizado, por meio de vozes internalizadas. Além disso, o *self* não é uma entidade que pode ser des-



crita apenas em termos de posições internas, como se fossem traços monológicos, mas deveria ser descrito no contexto de outras posições e/ou grupos de posições.

Essa noção da existência de posições de Eu autônomas e autoras de suas vozes, bem como a ideia do tempo e espaço como condições essenciais para se analisar os discursos das personagens, são elementos da filosofia bakhtiniana que se tornaram muito profícuos para a Teoria do *Self* Dialógico. Tais noções foram promovidas através da metáfora da novela polifônica, encontrada no livro *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963/2013). Para o próprio Hermans (2001), Bakhtin contribuiu para a psicologia dialógica com a ideia da dialogicidade de vozes de personagens que subsistiam em relações dialógicas em um *self* multivocalizado.

Somente é possível proferir algum discurso a partir de uma específica posição no tempo-espaço e a voz que discursa numa posição exotópica em relação a outra tem o privilégio de exercer e produzir sobre a última uma visão excedente. Nesse caso, a localidade pressupõe também a extralocalidade.

Se uma voz é enunciada a partir de alguma posição, então ela se encontra numa posição exotópica em relação a todas as outras (Posição A vê além e escuta as Posições B, C, D e E), mas se qualquer outra tiver a chance de vociferar, a Posição B, por exemplo, então seu discurso exercerá a propriedade de uma posição exotópica sobre a posição A e todas as outras. Com isso, B verá além e escutará A, C, D e E a partir de uma posição de um excedente de visão. É da Posição de Eu do outro que eu, como personagem social, recebo um acabamento no seu discurso (Gomes, 2018). Mas, isso também se desdobra na própria mente da pessoa: o "eu-filho-amado", quando em posição privilegiada de narrativa, pode relatar uma visão da mãe completamente distinta do "eu-filho-independente", por exemplo.

Conforme o GEGE (2009), Bakhtin desenvolve a noção de *acabamento*, ao analisar a relação entre autor e personagem e a criação dessa última, mas tal noção também se encaminhará à compreensão da própria vida social.

No plano artístico, elementos da vida são reorganizados de modo a compor uma nova unidade, da qual o próprio "autor-criador" surge e assume ambas as funções, tanto a de constituinte, quanto a de organizador. No plano da vida (o plano ético), somente um excedente de visão permite "completar" um indivíduo naqueles aspectos nos quais ele sozinho não pode se completar. Ninguém, ao se contemplar, pode realizar um acabamento de si, pois não lhe é possível abarcar todos os elementos plásticos e picturais, isso é, o horizonte atrás dele/a e a sua própria imagem externa, nem as expressividades volitivo-emocionais que constituirão um todo (GEGE, 2009).

O acabamento que o outro nos der só será possível pela posição que esse outro ocupa em relação a nós; o outro nos apontará para uma conferência de (novos) valores aos aspectos (que nos "completam") que nos são inacessíveis. Acabamento é o produto do ato de contemplação, no qual alguém "completa" ou atribui signifi-



cados ao todo do herói ou da pessoa, caracterizando suas existências em um nível muito amplo (Bakhtin, 1997).

Isso ocorre a partir do exercício da exotopia, ou seja, a partir do lugar onde a pessoa está única e exclusivamente no tempo e no espaço. Daí a multiplicidade de possibilidade de vozes do(s) outro(s). Enquanto seres sociais que interagem com outros, esse acabamento pode ser provisório até o encontro com outra alteridade (GEGE, 2009). Outros sociais diferentes poderão construir novas versões de mim, como personagem.

Nas palavras de Bakhtin:

Estou situado fora dele [outro], e a última palavra consumadora [acerca dele] me pertence. Esta última palavra é condicionada e exigida pelo fato de eu estar situado de forma concreta e completamente fora do outro - por minha exterioridade espacial, temporal e relacionada ao significado em relação à vida do outro como um todo, em relação à postura axiológica e responsabilidade do outro. [tradução nossa] (Bakhtin, 1920-1923/1990, p. 128).

Na concepção bakhtinina de criação estética, o produto do processo exotópico que subjaz o excedente de visão é o acabamento do autor-criador diante de sua personagem. Somente com o ato de acabamento, o autor-criador pode dar-de-si, de sua posição única para completar elementos acerca do todo que constitui a existência do herói/pessoa.

No entanto, como vimos, essa concepção, embora esteja majoritariamente relacionada à compreensão do processo criativo literário, está coerentemente associada à vida cotidiana das pessoas em suas relações sociais. Como Bakhtin afirma, "o ser humano tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo." (Bakhtin, 1920-1923/1990, p. 128).

Bakhtin chega aos limites dessa concepção de acabamento, ao sinalizar que toda e qualquer relação humana está imbuída desse processo estético, ainda que fora do processo de criação artística em si, uma vez que o acabamento é, antes de tudo, um ato de contemplação. Embora o autor estivesse interessado principalmente em compreender o processo de criação estética literária, suas considerações e explanações acerca da exotopia e acabamento são claras alusões a processos psicológicos no âmbito das interações humanas. Com isso, a exotopia pode ser transposta para as relações sociais externas e, nesse texto, apontamos para a sua função nas posições de Eu internalizadas, nos outros internalizados, na "minissociabilidade da mente", conforme Hermans (2001).

Diante disso, numa compreensão mais profunda do fenômeno, assumimos que a forma mais concreta da exotopia transcorre primeiro nas relações interpessoais do cotidiano, o que denota sua dimensão espacial: a exterioridade diante do outro. Isso possibilitou vislumbrar novas associações entre as reflexões filosófi-



cas de Bakhtin e a Teoria do *Self* Dialógico. Do ponto de vista psicológico, podemos pressupor que esses mesmos processos eu-outro, na díade interno-externo e vice-versa, podem também ser identificados dentro do *self* (interno-interno), em instâncias exclusivamente internalizadas, como as posições de Eu.

Ao conceber as posições de Eu como autônomas, autorais e dinâmicas em suas configurações no tempo-espço do *self*, nossa proposição para o conceito da exotopia é de que, metaforicamente, as posições de Eu, ao ocuparem posições únicas no *self*, com vozes autônomas umas diante das outras, apresentam processos regulatórios similares àqueles que ocorrem nas relações concretas do cotidiano.

Primeiramente, as posições de Eu exerceriam uma dimensão espacial umas diante das outras (posições únicas no tempo-espço) e, além disso, também exerceriam um processo psicológico regulatório, olhar além de si mesmas (excedente de visão), escutar outras posições de Eu e produzir vozes a partir disso, sejam elas repetidas ou inovadoras. Como veremos, essa movimentação semiótica ocorrerá privilegiadamente, de forma dialógica, em momentos de tensão. É importante aqui ressaltar que, conforme Marsico et al. (2020), tensão não deve ser considerada, na vida mental, como sinal de patologia; de preferência, ela deve ser compreendida como uma característica intrínseca de qualquer processo dialógico. A tensão aciona o intercâmbio exotópico de vozes no *self*.

Caso empírico¹

Caracterização do caso: Davi é um estudante que mora na própria cidade, no interior da Bahia-Brasil, na qual está também situada a instituição de ensino médio na qual estuda. Sua religião é espírita. Seu pai é policial e sua mãe é dona de casa e tem um irmão que cursa agroindústria, na segunda série do ensino médio numa instituição federal de ensino. A instituição está situada na zona rural e Davi precisa ir e vir todos os dias úteis da semana da instituição para casa e vice-versa. Ele está na primeira série do ensino médio profissionalizante do curso técnico em agroindústria. Foram realizadas quatro entrevistas narrativas, ocorridas ao longo do ano letivo.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2012), entrevista narrativa é uma técnica que envolve a estimulação e o encorajamento do entrevistado a narrar episódios de sua vida ou de seu contexto social, a partir de uma intenção do pesquisador, o qual procura interferir o mínimo possível no processo de narração central. Oferece-se uma pergunta disparadora ao participante e, em seguida, escuta-se a

¹ O exemplo do caso empírico trazido nesse artigo foi oriundo da tese de doutorado (GOMES, 2018) do primeiro autor, a fim de elucidar a aplicabilidade do conceito da exotopia no estudo dialógico da mente humana. Foram conduzidas quatro entrevistas narrativas com o estudante ao longo do primeiro ano do ensino médio profissionalizante.



narrativa central. Essa busca de mínima intervenção é uma característica importante da entrevista narrativa.

A questão disparadora foi: "Fale-me de seu percurso na escola, desde sua entrada na educação infantil até o momento presente. Quais memórias você guarda desse período? Conte-me tudo que você lembrar". O participante falava livremente sobre a história, sendo somente encorajado com expressões do pesquisador como "hum", "sim". Quando o participante sinalizava que havia terminado a história, era indagado: "É tudo que gostaria de contar?" Se não tivesse mais nada a dizer, iniciava-se a fase de questionamento, com base nas questões previstas no roteiro. Concluída a entrevista, realizaram-se perguntas com o gravador desligado acerca de como foi falar sobre essas coisas, sobre a utilidade das figuras e o que ocorresse. Por fim, aplicou-se o questionário sociodemográfico e agendou-se a segunda entrevista narrativa com questões específicas para cada participante. As entrevistas ocorreram individualmente e foram gravadas em áudio por dispositivo eletrônico. Posteriormente, foram transcritas e analisadas.

1. Narrativa de vida pregressa ao ensino médio: nascimento do eu-estudante-crítico e atuação do professor de filosofia do ensino fundamental como outro significativo

Ao relatar sua história escolar pregressa, Davi destaca a influência de seu novo professor de filosofia, no oitavo ano, que aparece como outro significativo no processo de emergência da nova posição de Eu no seu *self*. A disciplina de filosofia mobiliza o estudante a elaborar diversos questionamentos e incita possibilidades de projeção de si no futuro. O modo como o professor leciona a disciplina motiva Davi a construir questionamentos acerca dos fatos no mundo. Especialmente, o método usado pelo professor, que conferia liberdade argumentativa aos estudantes, é acolhido por Davi como modelo de prática docente e uma boa forma de se posicionar na vida:

[O professor de filosofia] me apresentou, uma coisa que eu gostei para mim, e que eu tenho, pretendo seguir [...] porque me proporcionou a indagar melhor, mais. Perceber uma perspectiva nova para as coisas.

[...]

Eu comecei a ver as coisas [...] analisar bem as coisas [...] ver tudo de uma forma muito mais crítica [...] também que sou espírita, e na minha religião tem muito estudo, sabe, tipo propõe muito a discussão. Eu acho que a filosofia sempre me acompanhou, lá [no oitavo e nono ano]. O professor de filosofia e a matéria acabaram me incentivando a ser mais crítico na análise.

Davi ressalta a religião espírita como um contexto no qual vivencia possibilidades de reflexão e de olhar além do que o senso comum conseguiria. Essa



valorização da discussão e reflexão elevadas acerca do mundo é uma característica já estabelecida no seu *self*, mas que não tinha ainda encontrado oportunidade de expressão nos contextos escolares pelos quais tinha passado até encontrar esse professor de filosofia. Há, com isso, o encontro de vozes provindas da escola e da religião que fortalecem a emergência de uma nova posição: Eu-estudante-crítico, como dominante em seu *self*.

Davi vai manifestando, ao longo do ano letivo, medo de ser reprovado, o que se atualiza diante do fato de já ter realizado recuperação em outro momento de sua vida escolar. Essa tensão pode ser constatada em sua narrativa: *"Eu fico meio preocupado com isso, do lado dos testes e conteúdos, a tendência é acabar perdendo né, eu nunca perdi de fato, desde que entrei [na escola formal], já perdi [somente] em forma de recuperação paralela."*

Essa preocupação com uma possível reprovação imaginada tensiona seu *self*, de modo a levá-lo a encontrar recursos que o auxiliem a lidar com esse problema que lhe insurge.

Nessa tarefa, são acionados os processos regulatórios do *self*, especialmente, aqueles exotópicos, dentre as posições de Eu, que promovem uma ampliação de perspectiva de acesso a outras vozes já existentes dentro do sistema do *self* ou que possam vir a ser criadas no processo de emergência do sujeito. Diante da situação desafiadora, ele declara: *"eu acho que desistir, não é opção pra mim, porque [...] eu não posso desistir de várias [...] coisas, [...] não posso ficar desistindo do que eu quero fazer na minha vida."*

Nas primeiras semanas de aula, Davi está com um nível de tensão relativamente baixo uma vez que relata, na primeira entrevista, que seus novos professores são parecidos com aquele professor de filosofia do oitavo ano que lhe era uma figura bastante motivadora e próxima no contexto escolar.

Nesse sentido, veremos que a elaboração dialógica estabelecida encontra respostas/vozes que reduzem, com celeridade, sua tensão que se coloca naquele momento de transição escolar inicial, na segunda semana de aula. No entanto, posteriormente, podemos constatar que novos acontecimentos escolares promoverão desestabilizações persistentes no *self* de Davi, ao longo do ano letivo, as quais incitarão a atuação de processos exotópicos cada vez mais intensos.

Diante de situações desestabilizadoras na trajetória escolar, Davi manifesta a atuação de sua posição Eu-estudante-crítico em relação à escola em diferentes circunstâncias.



2. Greve escolar (três meses sem aulas): evento mobilizador com aumento da exotopia

Vozes do Eu-estudante-crítico são ativadas: são relatados pelo estudante problemas na condução pedagógica das aulas ministradas que não fornecem aos discentes instrumentos de aprendizagem adequados; sobrecarga de horas de estudo na escola e em casa; disciplinas técnicas desintegradas com o currículo geral.

A voz do Eu-estudante-crítico é mobilizada e expressa sua visão acerca do período em que precisou estar fora da escola em virtude da greve. Problematisa o sistema educacional e expressa motivação para mudar, na sua rotina, a forma como lida com a aprendizagem. Ele questiona o modo com que o sistema educacional funciona, bem como a falta de continuidade e de relação dos conteúdos aprendidos ao longo do curso. Para Davi, o currículo funciona de maneira fragmentada e a experiência de aprendizado é bastante transitória. Davi relata:

O sistema educacional não funciona, geralmente não prepara o aluno. [...]

Você não escolhe de fato o que estudar, o que quer aprender, você aprende o que os professores acham que seria necessário para sua formação, mas [...] numa educação mais democrática, o aluno poder escolher o que ele quer, por exemplo: eu quero fazer música, mas não quero tal, artes e tal, e ao mesmo tempo fazendo com que o aluno veja [...] todas as matérias, sem forçar ele a fazer nada, entendeu? Que ele veja as matérias e possa criar curiosidade, sobre determinados conteúdos.

Esse posicionamento crítico acerca da instituição escolar aparece em sua narrativa, nessa situação, graças ao processo exotópico acionado mediante a ocorrência de tensão oriunda frente às suas vivências de reflexão tanto no período da greve, quanto no período posterior a ela, o que o levou a realizar diversas projeções de si no futuro, que revelaram suas incertezas quanto ao modo como ocorreria sua transição para o novo contexto escolar e o seu desempenho acadêmico.

A crítica quanto às disciplinas técnicas é potencializada. Aponta falhas no modelo de ensino e à forma como as disciplinas são apresentadas de maneira fragmentada e sem aprofundamento:

Acho as disciplinas aqui do curso técnico, [...] você não tem muito enfoque, você não foca muito naquela disciplina e o curso fica muito sem rumo, você tem disciplinas comuns e tem as disciplinas técnicas, e você não rende bem nem para uma, nem para outra, porque você fica sem foco no ensino, em entregar logo a matéria, e você trata cada matéria como qualquer matéria, então com as matérias do curso são a mesma coisa, você pega o conteúdo, estuda e faz a prova, eu acho que é isso que mais atrapalha aqui nessa escola, porque o aluno não estuda previamente.

A sua escola atual é percebida por ele como um lugar mais limitador que



potencializador de suas habilidades. Percebe-se restringido pelo modo de funcionamento do sistema, que lhe consome boa parte de seu tempo útil. Queixa-se da baixa disponibilidade para fazer outras coisas da vida, como o lazer, por exemplo. Essa percepção crítica que narra acerca de sua escolarização presente revela, inclusive, o papel da instituição escolar no que tange à diminuição do investimento pessoal nos interesses relacionados ao conhecimento de modo geral:

[Ao] estar aqui no IF não sinto uma vontade de chegar em casa e acabar estudando os assuntos ou estudar, sei lá, filosofia ou estudar línguas, [...] aqui dentro eu fui mais, sabe, fechando, sem vontade de fazer as coisas, fazendo mais por obrigação, e ensino, [...] sem nada, sem se destacar.

[...]

Ainda mais com essa questão de nota, atrapalha muito o aluno, em geral em qualquer escola faz atrapalhar muito o aluno e, ainda mais, quando você tem uma gama de matérias, muitas matérias você tem que tirar notas.

Ele justifica as dificuldades no processo de escolarização, a partir de um processo exotópico que expande fronteiras de observação e escuta de outras posições de Eu, a fim de encontrar recursos semióticos passíveis para solucionar os problemas que despontam no novo contexto escolar. Algumas posições do Eu dialogam fortemente como o Eu-estudante-crítico, Eu-estudante-com-problemas-em-matemática e o Eu-estudante-frustrado-com-a-escola, como veremos adiante.

3. Problemas com desempenho acadêmico em matemática – recuperação final: evento mobilizador com aumento da exotopia

As elaborações narrativas críticas desenvolvidas por Davi acerca do seu processo de escolarização e dos sistemas de ensino se tornam ainda mais prevalentes à medida que ele começa a ser comunicado de seu mal desempenho em matemática. Desde o primeiro semestre, ele já percebia que tinha problemas com o desempenho em matemática e, na terceira entrevista, relatou a sua dificuldade: *"eu acho tão difícil [...], é bem mais difícil essa matéria"*.

Quanto às suas expectativas para o semestre seguinte, declarou que estava se esforçando: *"por enquanto estou indo até bem em tudo, indo de semana a semana na aula na escola, estou aprendendo, estou passando, só falta matemática em si."*

No fim do ano letivo, Davi foi para a recuperação de matemática e isso o mobilizou bastante. Quanto à ocorrência desse fato, relatou não ter sido uma boa experiência: *"horrível, pressão imensa você estar ali naquela final de matemática e você começa desistir das coisas e fica naquela pressão imensa de passar e passar e é muito ruim, eu acho que é horrível"*.



É preciso destacar também que, naquele momento, Davi estava enfrentando problemas quanto à noção de auto eficácia, no que diz respeito ao desempenho escolar. O receio de ser reprovado mobilizou o seu *self* educacional: existia uma preocupação acerca do quanto realmente ele poderia atender as expectativas da escola quanto ao desempenho acadêmico.

A continuidade da tensão, porém, com a preocupação acerca do desempenho em matemática e a crítica que elaborou acerca do funcionamento da escola e da rotina pesada imposta aos estudantes contribuíram para a emergência de novos signos em Davi. Foi levantada a possibilidade de sair da instituição no terceiro ano, a fim de poder se preparar melhor para o Exame Nacional do Ensino Médio e vestibular. Também levanta a possibilidade de ser transferido da escola (Eu-estudante-com-vontade-de-ser-transferido-de-escola) mesmo após ele ter apontado para o sentimento de frustração da família quanto ao fato de seu nome não aparecer na primeira lista de aprovação, ou seja, ele manteve essa posição mesmo ciente de que essa ideia poderia não ser apoiada pelos seus familiares.

Nesse sentido, surge novamente a sinalização de matemática como uma disciplina com problemas de execução didática, juntamente com outras:

Eu preferia sair daqui e, nesse meio tempo, acabar estudando as matérias todas nesse tempo que eu fiquei, que eu ainda estou aqui, e chegar no terceiro ano e poder ter mais tempo e me preparar melhor para o ENEM e o vestibular, porque aqui [na minha escola] tem qualidade no ensino, porém não tem o comprometimento em si igual nas outras escolas têm, nas escolas particulares têm, em que o aluno aprenda.

[...]

Por isso, os amigos que eu conheço do segundo ano, eles estudam, matemática estão vendo coisa do primeiro [ano], porque não tinham terminado ainda os assuntos do primeiro ano, no ano passado.

A sinalização de problemas pedagógicos no que tange ao cumprimento do conteúdo previsto nas disciplinas argumenta mais uma vez em prol de sua insatisfação e frustração com a escola, como também deflagra um processo de exotopia à procura de respostas/vozes em novas posições de Eu. Nesse caso, assistimos à emergência de uma nova voz que surge no seu *self*, como referido anteriormente: vontade de ser transferido de escola.

O mecanismo exotópico, identificado nos relatos de Davi, mostram-nos quão importante é que as posições de Eu nos sistemas dialógicos exerçam o excedente de visão, a fim de encontrarem com celeridade recursos semióticos/vozes para reduzirem as tensões provindas das experiências da vida.

A exotopia gera nossa possibilidade de responder a alguém (GEGE, 2009). Nessa perspectiva, o mecanismo exotópico é uma característica presente nas posições de Eu de Davi à procura de vozes/respostas satisfatórias em suas posições



de Eu internas ou externas, ao olhar além de si mesmas em sua narrativa. Diante da tensão advinda da recuperação final em matemática, Davi aciona e dialoga seu Eu-estudante-crítico com outras vozes, tais como o Eu-estudante-frustrado-com-a-escola e o Eu-estudante-com-problemas-em-matemática. Nesse intercâmbio de vozes, o Eu-estudante-crítico, assumindo ainda seu lugar de dominância do *self* de Davi desencadeia o aparecimento da nova posição: Eu-estudante-com-vontade-de-sair-da-escola. Esta última posição só surge devido à característica exotópica das posições de Eu em diálogo que possibilitaram ver além de si mesmas: a crítica, a frustração e a percepção de aprovação na escola em matemática delinearam a nova posição de Eu, cada uma pode ver além, e juntas construíram a posição de Eu alternativa dentro daquele contexto.

Na perspectiva bakhtiniana, o ato de responder é uma necessidade linguística: não há escapatória para o sujeito que compreende a não ser responder ao(s) outro(s). O enunciado clama por uma resposta. Essa expectativa de encontro com outra voz para quem se dirigiu o enunciado é uma das características mais importantes para a compreensão da noção de responsividade em Bakhtin e seu Círculo. Uma posição de Eu só existe em condições mentais típicas mediante uma relação com alguma outra, para respondê-la. Para o GEGE (2009), a exotopia conduz à nossa possibilidade de responder.

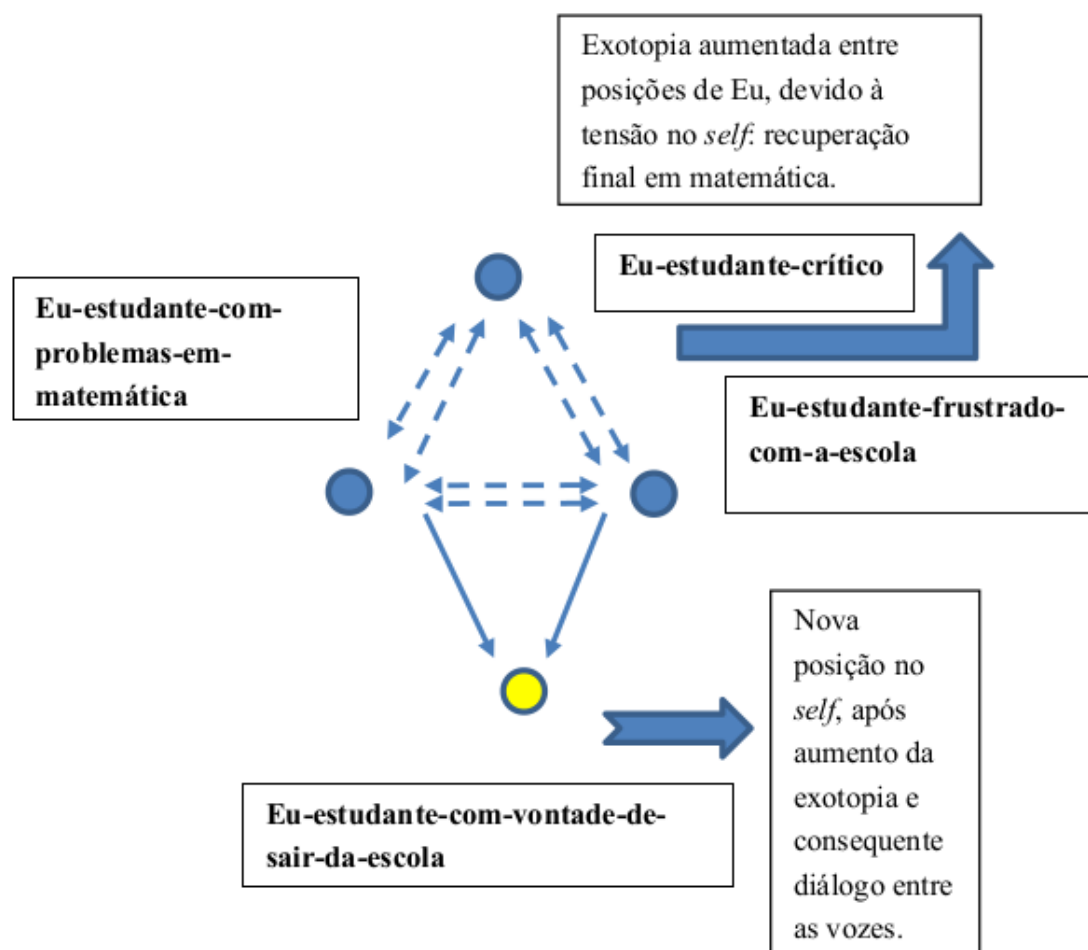
Diferentes posições de Eu podem ser criadas em diferentes contextos (Eu-estudante, Eu-mãe, Eu-filho, Eu-trabalhor etc). Todas essas posições são associadas a alguém, em algum contexto, e funcionam como uma estrutura semiótica que permite a criação de respostas/vozes. Se, por exemplo, um estudante for para uma nova escola, sua posição Eu-estudante, que já fora construída, será acionada por meio do posicionamento das vozes internalizadas de seus pares, professores, pais e outros significativos relativos à sua vida escolar. Em virtude disso, as pessoas são constantemente desafiadas em novos contextos a lidar com novas posições que se relacionam com novos outros sociais significativos, que podem desequilibrar a continuidade do *self*, ao apresentar-lhe outras perspectivas, novos pontos de vista e outros pontos de referência (Gomes, 2018). Esse processo acontece mediante uma referência a uma outra posição externa ou interna, já que, de acordo com Lopes de Oliveira (2013), não há forma de prover o *self* com algum conhecimento acerca dele mesmo que não seja pela mediação de um outro *self*.

De acordo com Bakhtin (1981 citado por Fecho et al., 2010), o enunciado, a resposta e o significado, entendidos como peças construtoras do diálogo, são unidos em um processo transacional. Não pode haver significado sem resposta. Não pode haver resposta sem resposta futura. Qualquer pessoa que se envolva no uso da linguagem está ligada a todas as respostas passadas, presentes e futuras.

Para além da sua natureza psicológica, esse conceito é descrito por Bakhtin e seu Círculo como social e histórico: o sujeito da linguagem, tema de discurso,

Figura 1

Representação das posições de *Eu* de Davi em diálogo e nascimento de nova posição *Eu-estudante-com-vontade-de-sair-da-escola*



é um agente - ou melhor, um ser "interagente" que atua na presença imediata ou imaginária de outrem (Sobral, 2008).

Não interessa aqui qualquer julgamento das posições de *Eu*, mas sim a visão excedente que uma posição exerce diante de outra em situação dialógica na própria mente. Como uma minissociedade, cada posição de *Eu* tem a condição de estar numa posição de exterioridade em relação a outras posições e, por isso, também apresenta a propriedade de "ver além" (excedente de visão).

Do mesmo modo que uma pessoa que está diante da outra consegue ter uma perspectiva visual completamente diferente da pessoa que está a sua frente, cada posição na minissociedade da mente tem a condição e propriedade de "ver além" do que qualquer outra poderia, pois, no tempo-espaço, cada posição de *Eu* pode ocupar um lugar que produz uma voz absolutamente singular e única (Gomes,



2018).

A exotopia pressupõe a extralocalização dessas posições de Eu, umas diante das outras, o que estabelece a viabilidade das interações dialógicas. De outro modo, teríamos apenas uma posição de Eu ou um conjunto de posições de Eu monológicas replicando cotidianamente vozes no *self*. No entanto, diante da concepção segundo a qual o *self* é desenvolvimental (Valsiner, 2012; Hermans, 2001), a Teoria do *Self* Dialógico pode considerar a exotopia como condição intrínseca das posições de Eu como fundamento para a expressão de dialogicidades dentro da própria mente ou, ainda, fora dela, com outros sociais externos. Essa condição espacial, na qual uma posição exotopicamente está diante da outra, caracteriza psicologicamente toda relação intra ou heterodialógica, assim como a possibilidade de aparecimento de novidade de posições/vozes no *self*.

Conclusão

O mecanismo exotópico contribui para a compreensão do *Self* Dialógico, já que se mostra atuante tanto como uma propriedade das Posições do Eu, quanto como um mecanismo regulatório semiótico. Nesse último caso, podemos destacar o fato de que o processo regulatório é ambivalente, na medida em que a abertura no sistema para maiores interações dialógicas (excedente de visão) pode possibilitar tanto 1) a minimização da tensão na Posição do Eu (se houver signos/ posições estabilizadoras disponíveis), quanto 2) a emergência no *self* (no caso de haver continuidade da tensão e aumento da exotopia). Existe, por conseguinte, uma dinâmica prevalente no *self* que envolve a continuidade x descontinuidade das Posições do Eu, por meio da exotopia.

Concebe-se haver uma estrutura responsiva constituída de Posições do Eu que costuma orientar o modo como agiremos e reagiremos, a partir de respostas (vozes) internalizadas comumente pertencentes à Posição Maior. Os momentos de tensões significativos, ou seja, que estão a ponto de provocar ruptura-transição no *self*, parecem ser situações ideais para o estabelecimento de novas redes de significados, devido ao aumento da exotopia no sistema.

Diante de situações disruptivas ou que ameacem seriamente a sustentação de determinadas Posições do Eu, cruciais para a atuação satisfatória em determinadas esferas de vida da pessoa, o *self* será ativado a buscar, seletivamente, novas respostas (vozes) do passado, do presente ou mesmo imaginadas para si no futuro, com possibilidade de emergências no *self*.

A pessoa, ao responder a demandas disruptivas de algum de seus contextos de vida, procurará modos de responder/posicionar, baseados na estrutura responsiva existente, a partir de suas posições disponíveis, para proteger sua posição em tensão em determinada esfera da vida. A princípio, em situações de tensão, as



estruturas responsivas já estabelecidas das posições são acionadas.

Porém, se não forem encontrados signos/vozes de outros sociais internalizados que possibilitem a resolução das tensões iminentes, novos recursos semióticos podem ser acionados, a partir de outras vozes externas ou mesmo pela atuação mais incisiva da exotopia ao mobilizar as fronteiras das Posições do Eu internas, fissurando-as, o que pode provocar aumentado intercâmbio de vozes e aumento de chances de ocorrência de sínteses: novas Posições do Eu, o que pode resultar no estabelecimento de novas respostas/vozes/posições, o que aponta para o aparecimento de novidade no *self*.

Referências

- Bakhtin, M. M. (1990). Author and hero in Aesthetic Activity. In M. Holquist and V. Liapunov (Eds.). *Art and Answerability: Early Philosophical Essays by M.M. Bakhtin* (pp. 04-256). University of Texas Press. (Original publicado em 1920-1923)
- Bakhtin, M. M. (1997). *Estética da criação verbal* (2a ed.). Martins Fontes.
- Bakhtin, M. M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski* (5a ed.). Forense Universitária. (Original publicado em 1963)
- Fecho, B., Collier, N. D., Friese, E. E. G., & Wilson, A. A. (2010). Critical conversations: tensions and opportunities of the dialogical classroom. *English Education*, 42(4), 427–447. https://digitalcommons.usu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2216&context=teal_facpub
- Gomes, R. C. (2018). *Regulação semiótica no self educacional de adolescentes na transição para o ensino médio profissionalizante: a atuação da exotopia dentre as posições do eu* [Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ramon_gomes_tese.pdf
- Gomes, R., Dazzani, V., & Marsico, G. (2018). The role of responsiveness within the self in transitions to university. *Culture & Psychology*, 24(1), 49–59. <https://doi.org/10.1177/1354067X17713928>
- Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso. (2009). *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin (caderno de estudos para iniciantes)*. Pedro & João Editores.
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119(1), 31–50.



- Hermans, H. J. M. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89–130. <http://dialogicalresearch.org/wp-content/uploads/2017/07/THE-CONSTRUCTION-AND-RECONSTRUCTION-OF-A-DIALOGICAL-SELF-.pdf>
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G., & Van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47(1).
- Hermans, J. M. (2001). The dialogical self: toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7(3), 243–282. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4469753/mod_resource/content/1/Culture%20Psychology-2001-Hermans-243-81.pdf
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2012). Entrevista narrativa. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (Pedrinho A. Guareschi, Trad., pp. 90–113). Vozes.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2013). The Bakhtinian self and beyond: Towards a dialogical phenomenology of the self. *Culture & Psychology* 19(2) 259–272.
- Marsico, G., Tateo, L., Gomes, R. C., & Dazzani, V. (2019). Dialogical Processes and Dialogical Construction of Self. In N. Mercer, R. Wegerif & L. Major (Eds.). *The routledge international handbook of research on dialogic education*. Routledge.
- Menegassi, R. J. (2009). Aspectos da responsividade na interação verbal. *Revista Línguas e Letras*, 10(18), 147–170. <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/2257/1750>
- Oliveira, M. C. S. L. (2013). The Bakhtinian self and beyond: towards a dialogical phenomenology of the self. *Culture & Psychology*, 19(2), 259–272.
- Peirce, C. Sanders. (1977). *Semiótica*. (J. T. Coelho Netto, Trad.). Perspectiva. (Original publicado em 1931-1958)
- Sobral, A. O. (2008). Ato “responsível”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente, *SIGNUM: Estud. Ling.*, 11(1), 219–235. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3092/2625>
- Souza, M. L., & Gomes, W. B. (2009). Temporalidade e espacialidade na estrutura do self nas abordagens semiótica e dialógica. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 365–373. <https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a17.pdf>
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Artmed.



Nota sobre os(as) autores(as):

Ramon Gomes é doutor em Psicologia do Desenvolvimento (UFBA-2018). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFBA-2014). Pesquisador visitante na Universidade de Aalborg na Dinamarca (2016). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar e Educacional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, onde atua com adolescentes e jovens. Interessa-se por estudos voltados para a juventude, família, cultura e constituição do *self* educacional. Participa do diretório de pesquisa do CNPq Núcleo de Estudos sobre Transições Desenvolvimentais e Processos Educacionais e na linha de pesquisa intitulada Investigações em Psicologia Cultural acerca de Família, Escola e Comunidade, coordenada pela Profa. Maria Virginia Machado Dazzani. É autor do projeto de pesquisa: Transição Escolar para o Ensino Médio: elaboração de programa de intervenção, bem como do projeto atual "Grupos Psicoeducativos de Adolescentes: promoção de saúde mental no contexto escolar". E-mail: ramongomes017@gmail.com

Maria Virgínia Machado Dazzani é professora associada IV do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (1994), mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004), ambos com bolsa CAPES. Realizou no período de 2002-2003 estágio de pesquisa com bolsa sanduíche (CAPES) na Purdue University (Indiana, Estados Unidos). Realizou estágio pós-doutoral na Clark University, Estados Unidos (CAPES/2009-2010 e CNPq/2015-2016), sob a orientação do Prof. Dr. Jaan Valsiner e Michael Bamberg, respectivamente. Realizou Missão de Trabalho no Exterior (PRINT/CAPES/UFBA) no GRIS (Research Group on Social Interaction/ Psychology Lab.) na Università degli Studi di Salerno (Itália), no período de julho a agosto de 2019. Atualmente (2022) é professora visitante na Università degli Studi di Salerno (Itália) através do CAPES PRINT UFBA. E-mail: vdazzani@gmail.com

Giuseppina Marsico é professora Associada de Psicologia do Desenvolvimento e Educação na Universidade de Salerno (Itália), Pesquisadora Associada no Centro de Psicologia Cultural da Universidade de Aalborg (Dinamarca), Professora Visitante no Programa de Doutorado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (Brasil) e Professora Associada do Departamento de Educação Inclusiva da Universidade de Oslo (Noruega). Ela é Presidente da Sociedade Americana de Psicologia-Divisão N. 52 "Psicologia Internacional" e é Presidente da Sociedade Europeia de Aprendizagem e Ensino da Psicologia (ESPLAT). É uma pesquisadora com 20 anos de experiência, com uma rede de pesquisa internacional comprovada. É Editora-chefe da série



de livros *Psicologia Cultural da Educação* (Springer), *Vozes Latino Americanas – Psicologia Integrativa e Humanidades* (Springer), co-editora da *SpringerBriefs Psychology and Cultural Developmental Sciences* (em conjunto com Jaan Valsiner) e *Annals of Cultural Psychology: Exploring the Frontiers of Mind and Society* (InfoAge Publishing, N.C., USA, juntamente com Carlos Conejo e Jaan Valsiner). Ela também é co-editora da *Human Arenas, Jornal Interdisciplinar de Psicologia, Culture and Meaning* e (Springer), *Trends of Psychology* (Springer) e *Journal of Social Action in Counseling and Psychology*. É Editora Associada do *Cultural & Psychology Journal* (Sage), *Social Psychology of Education* (Springer), e membro do conselho editorial de várias revistas acadêmicas internacionais, (i.e. *IPBS* (Springer); *Culture and Education*, Sage). E-mail: pina.marsico@gmail.com

Data de submissão: 14.10.2022

Data de aceite: 25.07.2023